

INTERNACIONALISMO OU EXTINÇÃO CRÍTICA

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Noam Chomsky

INTERNACIONALISMO OU EXTINÇÃO

Reflexões sobre as grandes
ameaças à existência humana

Tradução

Renato Marques

CRÍTICA

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Copyright © L. Valéria Galvão Wasserman-Chomsky, 2020

Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2020

Publicado em acordo com Metropolitan Books, uma divisão da Henry Holt and Company, LLC, Nova York.

Todos os direitos reservados.

Título original: *Internationalism or extinction*

Preparação: Ana Tereza Clemente

Revisão: Thais Rimkus e Fernanda Guerriero Antunes

Diagramação: Maria Beatriz Rosa

Capa: Departamento de criação da Editora Planeta do Brasil

Imagem de capa: smile3377 / Adobe Stock

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

C474q

Chomsky, Noam,

Internacionalismo ou extinção / Noam Chomsky (1928-); tradução Renato Marques. –

São Paulo: Planeta, 2020.

128 p.

ISBN 978-65-5535-029-6

Tradução de: *Internationalism or extinction*

1. Ecologia humana 2. Mudança climática 3. Extinção humana I. Título

II. Marques, Renato

20-1805

CDD 304.2

Índices para catálogo sistemático:

1. Ecologia humana

2020

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.

Rua Bela Cintra 986, 4º andar – Consolação

São Paulo – SP CEP 01415-002

www.planetadelivros.com.br

faleconosco@editoraplaneta.com.br

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Sumário

CORONAVÍRUS: O QUE ESTÁ EM JOGO?	7
INTRODUÇÃO	23
1. DUPLA AMEAÇA	37
2. COMO CONVENCER PESSOAS	63
3. PENSANDO ESTRATEGICAMENTE	79
4. REFLEXÕES ATUALIZADAS SOBRE MOVIMENTOS	93
5. A TERCEIRA AMEAÇA: O Esvaziamento da Democracia ..	105
6. PARA SABER MAIS	117
ÍNDICE REMISSIVO	121

CAPÍTULO 1

Dupla ameaça

CRÍTICA

Extinção e internacionalismo são dois temas unidos em um abraço fatídico desde o momento em que a ameaça de extinção se tornou uma preocupação bastante realista, em 6 de agosto de 1945, dia que jamais será esquecido por aqueles que estavam vivos na época e tinham os olhos abertos – um dia de que pessoalmente me lembro muito bem. Naquela data, constatamos que a inteligência havia inventado meios para dar fim ao experimento humano de 200 mil anos de existência.

Desde o primeiro momento, não havia dúvida de que a capacidade de destruir se intensificaria e seria disseminada para outras mãos – aumentando a ameaça de autoaniquilação. Nos anos que

se seguiram, foi aterrador o registro de ocasiões em que escapamos por um triz, às vezes por acidente e erro, às vezes em casos apavorantes de imprudência – mas a verdade é que a ameaça vem crescendo de forma preocupante. Uma revisão do histórico revela claramente que escapar da catástrofe ao longo de setenta anos tem sido quase um milagre, e não se pode confiar que esses milagres se perpetuem.

Naquele funesto dia de agosto de 1945, a humanidade entrou em uma nova era, a era nuclear. É improvável que dure muito: *ou acabamos com ela, ou é bem possível que ela leve a nosso fim*. De imediato, ficou evidente que qualquer esperança de conter o demônio exigiria cooperação internacional. No outono de 1945, um livro pedindo um governo federal mundial alcançou o topo da lista dos mais vendidos – foi escrito pelo agente literário de Winston Churchill, Emery Reves.*

Albert Einstein foi apenas um dos que reagiram reivindicando um *governo mundial* – o que ele chamou de resposta política aos devastadores eventos de agosto de 1945. Eles reconheceram que se tratava de um ponto de inflexão na história humana e, talvez, o início de seu derradeiro estado. As esperanças de que as Nações Unidas cumprissem a função de governo mundial foram rapidamente frustradas – um importante tópico, não examinado aqui.

* Emery Reves, *The Anatomy of Peace*. s/l: Andesite, 2015 [1945] [ed. bras.: *A Anatomia da paz*. Trad. Constantino Ianni. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1946 (coleção Fórum Político, v. 3)].

Naquele momento não houve uma compreensão do fato, mas uma segunda e não menos decisiva nova era estava começando – uma era geológica chamada Antropoceno. É uma época definida pelo extremo impacto humano sobre o meio ambiente. É consensual que já entramos há muito nessa nova era, mas houve divergências entre os cientistas acerca de quando a mudança se tornou tão extrema a ponto de sinalizar o início do Antropoceno. Em abril de 2016, o Grupo de Trabalho do Antropoceno (AWG, na sigla em inglês), organização geológica oficial, chegou a uma conclusão sobre o início da era geológica. Durante o 35º Congresso Geológico Internacional, estudiosos e pesquisadores recomendaram que se considerasse como marco inicial do Antropoceno o período que começa após o fim da Segunda Guerra Mundial.*

De acordo com a análise deles, o Antropoceno e a era nuclear coincidem; trata-se de uma dupla ameaça à perpetuação da vida humana organizada. Ambas as ameaças são graves e iminentes. É amplamente reconhecido que entramos no período da sexta extinção em massa. De modo geral, atribui-se a quinta extinção, ocorrida 66 milhões de anos atrás, a um asteroide, um enorme asteroide que atingiu a Terra destruindo 75% das espécies. Isso pôs fim à era dos dinossauros e abriu caminho para a ascensão de

* Matt Edgeworth *et al.* Relatório do Segundo Encontro do Grupo de Trabalho do Antropoceno. *The European Archaeologist*, n. 47, 2016. Disponível em: [http://nora.nerc.ac.uk/id/eprint/513430/1/Conference%20report_anthropocene_text%20\(NORA\).pdf](http://nora.nerc.ac.uk/id/eprint/513430/1/Conference%20report_anthropocene_text%20(NORA).pdf); acesso em: mar. 2020.

pequenos mamíferos – e, finalmente, dos humanos, cerca de 200 mil anos atrás.

Não há de demorar muito para que a humanidade provoque a sexta extinção, cuja expectativa é ser semelhante em escala às anteriores, ainda que diferindo de maneira instrutiva. Nas extinções em massa que antecederam em muito o surgimento dos humanos, o tamanho do corpo não estava correlacionado com o aniquilamento. Era uma espécie de assassino com oportunidades iguais – independentemente do tamanho do corpo. Na sexta extinção, gerada pelo homem e que está a pleno vapor, os animais maiores são mortos de forma desproporcional.

Isso alarga um registro que remonta a nossos primeiros ancestrais proto-humanos. Esses homínídeos eram uma espécie predatória que causou danos significativos a grandes organismos, apagou do mapa muitos deles e quase deu cabo de si mesma. Faz muito tempo que não se coloca em dúvida a capacidade de os humanos destruírem uns aos outros em grande escala, processo que teve um pico hediondo no século passado. O Grupo de Trabalho do Antropoceno reafirma a conclusão de que as emissões de CO₂ causadas pelo aquecimento climático estão aumentando na atmosfera à taxa mais rápida em 66 milhões de anos.

Os pesquisadores citam um relatório de julho do ano passado (2016), de acordo com o qual as partículas de CO₂ atingiram mais de 400 partes por milhão (ppm), e o nível está subindo a um ritmo sem precedentes no registro geológico. Estudos subsequentes revelaram que esse número não era uma flutuação. Ele parece

ser permanente, uma base para crescimento ainda maior, e esta cifra, 400 ppm, tem sido considerada um fator crítico, um ponto em que a segurança dá lugar ao perigo. Chega perigosamente perto do nível estimado de estabilidade do enorme manto de gelo da Antártida. O colapso da geleira continental teria consequências catastróficas para o nível dos mares, e esses processos já estão em andamento, de modo bastante sinistro nas regiões árticas.

O quadro mais amplo não é menos sinistro, e praticamente todo mês a temperatura quebra recordes históricos; secas inclementes ameaçam a sobrevivência de centenas de milhões de pessoas. Esses também são fatores relevantes em algumas das regiões onde hoje ocorrem os mais horrendos conflitos: Darfur e Síria. Todos os anos, aproximadamente 31,5 milhões de pessoas são obrigadas a se deslocar por causa de desastres como inundações e tempestades, e isso é um efeito previsto do aquecimento global; é quase uma pessoa por segundo. É um contingente consideravelmente maior que as levadas que fogem das guerras e do terrorismo. Os números estão fadados a aumentar à medida que as geleiras derretem e o nível do mar sobe, ameaçando o abastecimento de água de milhões de pessoas.

O derretimento das geleiras do Himalaia pode eliminar o suprimento de água para o sul da Ásia, o que significa impactar vários bilhões de pessoas. Somente em Bangladesh, dezenas de milhões devem fugir nas próximas décadas por causa do aumento do nível do mar, uma vez que se trata de uma planície costeira baixa e plana. É uma crise de refugiados que fará com que a crise

migratória de hoje se torne insignificante, e é apenas o começo. Com alguma justiça, os principais cientistas climáticos de Bangladesh já afirmaram que esses migrantes deveriam ter o direito de se mudar para países de onde todos esses gases de efeito estufa estão vindo – e que milhões deveriam poder seguir para os Estados Unidos, algo que suscita uma questão moral nem um pouco trivial.

Não perderei tempo em recapitular o quadro geral; presumo que o leitor esteja familiarizado com isso, mas a situação deveria ser profundamente alarmante para qualquer pessoa preocupada com o destino da espécie e das outras espécies que estamos destruindo de forma irresponsável e com a maior naturalidade. Essa condição não está num futuro longínquo, está acontecendo agora – e vai se agravar acentuadamente. Sempre foi evidente que quaisquer medidas eficazes para conter a ameaça de catástrofe ambiental teriam que ser tomadas em âmbito global.

Esforços internacionais para evitar catástrofes avançaram nas negociações de Paris com a COP 21 em 2015.* Medidas deveriam ter entrado em vigor em outubro de 2016. A data foi antecipada como reflexo da preocupação de que uma vitória do Partido Republicano nas eleições de 2016 pudesse desmontar o que tinha sido alcançado – não muito, mas alguma coisa. O negacionismo republicano já teve impacto significativo. Esperava-se que as

* COP 21 é o termo usado para resumir a 21ª Conferência das Partes da Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Mudança do Clima, evento realizado em Paris, de 30 de novembro a 12 de dezembro de 2015. (N.T.)

negociações de Paris levassem a um tratado de cumprimento verificável, mas essa esperança foi abandonada porque o Congresso Republicano não aceitou qualquer compromisso vinculante.

O que surgiu foi um acordo voluntário – evidentemente, muito mais fraco. Em outubro de 2016, chegou-se a um acordo bastante significativo para reduzir de forma progressiva o uso de hidrofluorcarbonetos.* Os HFCs são gases de efeito estufa superpoluentes. Índia e Paquistão, onde o aumento do calor e da extrema pobreza fazem dos aparelhos de ar-condicionado baratos que usam HFC uma necessidade desesperada, conseguiram adiar o início das ações. A resposta certa é evidente. Os países ricos deveriam fornecer subsídios para acelerar o fornecimento de dispositivos livres de HFC, do mesmo tipo que nós usamos. Aparentemente nada nesse sentido foi proposto – e, se foi, é provável que tenha tido destino idêntico ao de um tratado de cumprimento verificável.

É possível parar por um momento e ponderar acerca do mais extraordinário dos fatos: uma das maiores e mais importantes organizações políticas no país mais poderoso da história está devotada à destruição de grande parte da vida na Terra. Pode parecer um comentário injusto, mas um pouco de reflexão mostrará que não é. Neste exato momento (outubro de 2016), estamos chegando

* Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente, “Perguntas mais frequentes relacionadas à Emenda Kigali ao Protocolo de Montreal”, 3 de novembro de 2016. Disponível em: https://ec.europa.eu/clima/sites/clima/files/faq_kigali_amendment_en.pdf; acesso em: mar. 2020.

ao fim do frenesi do período eleitoral quadrienal. Nas primárias republicanas, todos os candidatos negaram os fatos sobre a mudança climática.

Houve uma exceção, o “moderado e sensato” John Kasich, que disse: “Sim, está acontecendo, mas não devemos fazer nada a respeito” – o que talvez seja ainda pior. Ou seja, é 100% de rejeição. O candidato vencedor, como você sabe, pede um uso maior de combustíveis fósseis, incluindo o carvão, o mais nocivo deles. Ele também é favorável ao desmantelamento da regulamentação e se recusa a direcionar fundos às sociedades em desenvolvimento que tentam fazer a transição para a adoção de energia sustentável, como condicionadores de ar não poluentes na Índia – de todas as formas possíveis, ele acelera a corrida rumo ao desastre.

Quando pensamos no que está em jogo, é justo perguntarmos se já houve na história humana organização mais perigosa que o Partido Republicano atual. É uma pergunta justa, e acho que a resposta é bem clara. Extraordinário na mesma medida é que esses fatos espantosos passem praticamente incólumes, sem repercussão nem críticas. Os comentários feitos durante a campanha eleitoral seguem em um nível de trivialidade vulgar. Podem ser ouvidos mais nos debates presidenciais, com raríssimos olhares, sobre as políticas públicas e quase nada a respeito das mais graves e importantes questões que já vieram à tona na história da humanidade – questões de sobrevivência literal *em curto prazo*. Isso é uma inacreditável cegueira, enquanto os lemingues marcham para o precipício! Nos últimos anos, houve uma ampla e

eufórica cobertura midiática das perspectivas de independência energética – “um século de independência energética” –, com ocasionais comentários sobre o impacto local do *fracking*,* mas têm sido escassas as reflexões indicando que a euforia equivale a um entusiasmado apelo para que a sexta extinção nos engula também.

Da mesma forma, a crescente ameaça de desastre nuclear, que é real e grave, quase não provoca comentários. As duas questões mais importantes em toda a história humana, e das quais depende o destino da espécie, estão praticamente ausentes da ampla cobertura sobre a escolha do líder do país mais poderoso na história do mundo e do extravagante espetáculo eleitoral em si. Não é fácil encontrar palavras para descrever a enormidade dessa extraordinária cegueira, talvez palavras como estas:

Minha imaginação não definirá limites para a ousada depravação dos tempos que correm, em que agiôtas e corretores da Bolsa se

* *Fracking*, apelido em inglês para “fraturamento hidráulico”, é a tecnologia empregada para extração não convencional do gás natural do folhelho pirobetuminoso de xisto, rocha sedimentar existente em vários lugares do mundo. Essa extração exige a perfuração profunda do solo, em que se insere uma tubulação que atravessa o lençol freático até a rocha; a cada operação, água, areia e mais de seiscentas substâncias químicas, algumas bastante tóxicas, são introduzidas em altíssima pressão para fraturar (*frack*) a rocha e, assim, liberar o gás. Nos países onde o faturamento hidráulico é realizado, há relatos de contaminação de lençóis freáticos, vazamento de metano para poços artesianos e poluição do ar. (N.T.)